



PUC Minas

CENÁRIOS PUC MINAS

Conjuntura**Internacional**

ano 4 • nº 15 • 13 a 19/05/07 • ISSN1809-6182

Resenhas

16/05/2007 – China reforma e expande sua marinha.....p.01

A China vem fazendo esforços procurando melhorar suas forças navais em busca de um papel mais atuante nas questões relativas à segurança regional do Pacífico. Demonstra, também, aspirações altas quanto à mudança de sua doutrina militar que procura aumentar seu poder marítimo.

22/05/2007 – Boris Yeltsin.....p.05

Faleceu no último dia 23 de abril o ex-presidente russo Boris Yeltsin, cuja morte simboliza o fim do difícil período de transição da Rússia.

China reforma e expande sua marinha

Resenha
Segurança

Luiz Fernando Damaceno Moura e Castro
16 de maio de 2007

A China vem fazendo esforços procurando melhorar suas forças navais em busca de um papel mais atuante nas questões relativas à segurança regional do Pacífico. Demonstra, também, aspirações altas quanto à mudança de sua doutrina militar que procura aumentar seu poder marítimo.

Com um orçamento de 35 bilhões de dólares¹, o Exército de Libertação do Povo (PLA, sigla em inglês) da China possui hoje um dos maiores gastos com o setor militar do mundo, equiparando-se com o investimento do Reino Unido (US\$ 48.3 bilhões), da França (US\$ 46.2 bilhões) do Japão (US\$ 46.7 bilhões). Existe, porém, um detalhe: os mais de 1.600.000 homens divididos em sete regiões no país e os 240.000 homens que compõem a força estratégica de reserva. Esse fator, combinado com a capacidade atômica de aproximadamente 400 ogivas, compõe uma força militar considerável em qualquer instância.

A China se coloca no leste asiático como um dos atores preponderantes em capacidade militar, principalmente em relação as forças terrestres. Esse potencial concentrado remete a uma força dupla: impede a entrada no continente de outros atores capazes de se projetarem militarmente, mas ao mesmo tempo restringe a projeção da própria China em direção ao mar. É com o intuito de mudar essa sua condição estacionária que o governo chinês busca a reformulação de sua marinha.

Desde 1990, a China vem procurando

modernizar seu aparato militar, seguindo a doutrina de que seu crescimento econômico veloz a coloca como uma potência regional e como um ator cada vez mais participante da política internacional. O país vem trilhando um caminho que busca a modernização e expansão de suas forças, dando ênfase a melhoramentos de caráter tecnológico e que permitam aos meios navais chineses atuarem a uma maior distância das próprias bases. Mais especificamente, para que eles possam avançar com eficiência para além de Taiwan, criando uma marinha de águas profundas².

No documento oficial de 2007 do escritório da marinha chinesa, é exposta a nova doutrina a partir da qual serão feitas as alterações que buscam o maior desenvolvimento das forças.

O primeiro objetivo é referido como “Construção do Exército” que orienta os esforços de modernização do PLA, tanto no desenvolvimento de equipamentos quanto em reformas nos âmbitos institucional e organizacional. Esse objetivo, por sua vez, se desdobra em um programa de “Duas Transformações”, que

¹ CIA World Fact Book – última atualização em 15 de maio de 2007.

² Marinha de águas profundas se refere a uma marinha capaz de atuar além dos litorais, nas águas mais profundas de mares abertos, com a possibilidade de realizar operações eficientes a grandes distâncias de seus países.

procura ser aplicado para o PLA :

- De exército preparado para lutar guerras locais sob condições ordinárias, para um exército pronto para lutar e vencer guerras sob as condições modernas de alta tecnologia;
- De um exército baseado na quantidade para um baseado na qualidade;
- De um exército que é *pessoal intensivo*, para um que tenha como fator intensivo ciência e tecnologia³.

O segundo componente é operacional, chamado de “Defesa Ativa”. Busca abrir o leque de possibilidades e abordagens na condução da guerra, dirigidos sempre aos tipos de conflitos mais prováveis de serem encarados pela China nos próximos anos, seja guerra internacional ou guerra local, seja ela de caráter nuclear ou convencional.

Dentro do princípio de “Defesa Ativa” o paradigma estratégico a ser seguido pelo PLA é o de “Defesa Offshore”⁴. Este representa uma mudança na abordagem que o PLA tem sobre as condições atuais de guerra, permitindo que ele se mova na direção de reformas operacionais de modernização naval.

O paradigma anterior era relacionado à “Defesa da Costa”. Esta abordagem era baseada em uma possível invasão soviética do norte do país acompanhada de ataques à costa pela Frota Soviética do Pacífico. Dessa maneira, o foco da marinha chinesa (PLAN, sigla em inglês) era nos combates terrestres e deveria funcionar apenas como base de apoio para as operações nesse meio.

Em 1985, a União Soviética (URSS) não era

mais encarada como uma verdadeira ameaça ao território chinês. Dessa maneira, com a descrença em um ataque soviético, um novo paradigma foi lançado revisando as diretrizes precedentes da PLAN, que deveria se focar no mar aberto. Ela deveria se dirigir a uma mudança de preparação para guerras perto das praias chinesas para preparação de operações ao longo de todo litoral chinês. Essas reformulações se dariam em função das novas condições do ambiente de segurança internacional e das inovações nas capacidades militares globais.

Outros fatores que atraíram a mudança de foco da marinha chinesa foram o aumento da importância política e econômica da costa chinesa em relação ao interior do país; a necessidade da defesa de “pontos de estrangulamento”⁵ como o Estreito de Taiwan, que é vital para a manutenção de linhas de comunicação, transporte, comércio (como o fluxo de petróleo e outros materiais críticos para o contínuo crescimento da China); e sua projeção de poder regional.

O paradigma de “Defesa Offshore” tem como núcleo as questões de “alcance operacional”⁶, intenções estratégicas e os planos de modernização da PLAN. O termo *Offshore*, até às recentes reformulações, tinha como limite pontos geográficos, como as duas cadeias de ilhas próximas à China. A primeira é referente à linha formada pelas Ilhas Kurile, Japão, Ilhas Ryukyu, Taiwan, Filipinas e Indonésia. A segunda seria referente a uma linha norte-sul, que fosse das Ilhas Kurile, passando pelas ilhas Marianas até a Indonésia. Essas limitações geográficas

³ “...from an army that is *personnel intensive* to one that is *science and technology intensive*”.

⁴ Além das praias, que procura se expandir para além das próprias águas nacionais.

⁵ Pontos de estrangulamento são áreas estratégicas derivadas de configurações geográficas. Vales, desfiladeiros, estreitos, canais são alguns exemplos.

⁶ Sendo o alcance operacional referente à capacidade que a força tem de atuar com eficiência a uma dada distância de seu país de origem.

criariam um horizonte de 1800 mn⁷ de operação para a marinha chinesa ao longo do litoral de seu país, incluindo o mar chinês e grande parte do mar do sudeste da Ásia.

Porém, atualmente, o governo e o escritório de defesa naval chineses acreditam que não exista nenhum limite ou impedimento geográfico para o termo “Defesa *Offshore*”, ignorando qualquer tipo de limite mínimo ou máximo oficial⁸ no oceano para que a PLAN possa atuar. Mais especificamente, o termo deve se referir à “tão longe quanto as capacidades da PLAN de operar forças-tarefa mar adentro com os níveis necessários de apoio e segurança.”⁹.

Em uma análise sumária, a definição desse conceito como diretriz principal que guia a doutrina militar da marinha chinesa pode ser visto como relacionado à expansão da sua projeção de poder. Como foi dito anteriormente, um dos aspectos envolvendo a modernização da marinha chinesa é o recente papel no ambiente internacional em que ela se coloca. A sua atual posição de potência comercial é um fator crítico a ser considerado. Entretanto, deve-se atentar para os rumos que essa doutrina pode levar no âmbito da segurança internacional.

O crescimento econômico acelerado acompanhado de uma doutrina de alcance ilimitado pode ser visto com maus olhos pelos atores que se encontram no mesmo patamar militar. Dentre eles, estão aqueles com interesses diretos na região, militares ou não, como o Japão que está de fato dentro da área prevista pela China e também procura reformular sua doutrina militar [Ver também: [Japão indica interesse em reformular seu aparato militar](#)] e os EUA que, além do interesse comercial regional, têm bases militares estratégicas ao longo do Pacífico.

Os planos de modernização dos equipamentos da PLAN são relativos à compra de navios russos mais modernos, procurando, ao mesmo tempo, fazer investimentos pesados em tecnologia nas próprias produções. A frota da PLAN é composta por 76 combatentes de superfície, 55 submarinos, sendo que cinco desses tem propulsão nuclear¹⁰, 50 navios anfíbios¹¹ e entre 50 e 60 navios de patrulha armados com mísseis.

Os principal alvos das reformas são os combatentes de superfície. Seu núcleo mais eficiente são 11 Destróiers¹² e 16 Fragatas¹³, sendo que os melhoramentos se concentrariam na substituição de navios obsoletos, na continuação da compra de navios russos, e na construção de Destróiers classe 052B e 052C de fabricação chinesa, construídos com tecnologia de ponta. Essa classe específica de navios foi projetada para cobrir uma área de fraqueza da marinha chinesa, já que têm o objetivo de aumentar as capacidades da frota em relação à defesa antiaérea.

No momento, a produção de uma força aérea transportada por navios não parece estar entre os principais objetivos da PLAN. Dessa maneira, quanto à produção de navios maiores como porta-aviões, a China parece mais interessada em estudar a tecnologia estrangeira para poder, assim, passar à construção de seus próprios meios.

¹⁰ A propulsão do submarino não implica em seu armamento. Propulsão nuclear significa apenas que o submarino pode ficar por longos períodos submerso sem precisar retornar para reabastecer.

¹¹ São navios capazes de chegar até as praias e descarregar veículos, tanques ou tropas sem o uso de um porto.

¹² Destróiers são navios rápidos e manobráveis que têm a função de escoltar navios maiores em uma frota ou comboio e protegê-los do ataque de navios menores, submarinos e aeronaves.

¹³ Fragatas são muito parecidos com Destróiers em relação a suas funções, porém, são navios de menor porte.

⁷ Sendo uma milha náutica (mn) igual a 1,852 Km.

⁸ Ênfase no documento oficial.

⁹ Documento oficial de 2007 “China’s Navy”.

Quanto aos meios subaquáticos, a China procura modernizar sua frota de submarinos a diesel substituindo os já obsoletos submarinos de design soviético. Em relação à produção de submarinos capazes de lançar mísseis balísticos com ogivas nucleares, uma ferramenta importantíssima no contexto de guerra nuclear, a PLAN segue a passos lentos sem sinais de grandes avanços. A frota chinesa de submarinos tem a difícil tarefa de confrontar as capacidades de Taiwan, acompanhadas do apoio militar estadunidense. Em aliança, EUA e Taiwan se colocam como os maiores obstáculos para os objetivos chineses.

Taiwan tem uma questão ligada diretamente à China, já que reivindica a sua soberania separada do país, o que é contestado pelo governo chinês e apoiado pelo estadunidense. Porém, com esses avanços, a marinha chinesa se coloca em um nível de poder respeitável em relação às suas forças de superfície e subaquática.

As modernizações da frota chinesa procuram fazê-la capaz de exercer o papel de uma marinha de águas profundas, conseguindo realizar missões a longas distâncias do continente, buscando defender linhas de fluxo comercial e atuar ativamente em questões de segurança regional. Ela ainda não pode fazer frente ao poder maciço da marinha estadunidense e, ainda, não pode confrontar de frente outras marinhas asiáticas, como a indiana e a japonesa. Contudo, os atuais planos de expansão, acompanhados da nova doutrina naval devem ser considerados como um alerta do que se pode esperar da China quanto às questões de segurança no pacífico e até mesmo em outras regiões do globo.

Referência

Sites:

ABC News

<http://abcnews.go.com/>

Global Security

<http://www.globalsecurity.org/military/world/china/index.html>

China Defense Today

<http://www.sinodefence.com/navy/default.asp>

The Power and Interest News Report (PINR)

<http://www.pinr.com>

Relatório anual ao Congresso Estadunidense

"ANNUAL REPORT TO CONGRESS - Military Power of the People's Republic of China 2006"

<http://www.globalsecurity.org/military/library/report/2006/2006-prc-military-power.htm>

Documentos:

China's Navy - 2007 Office of Naval Intelligence

Ver também:

16/03/2007 - [Japão indica interesse em reformular seu aparato militar.](#)

Boris Yeltsin

Resenha
Segurança

Diego Cristóvão Alves de Souza Paes
22 de maio de 2007

Faleceu no último dia 23 de abril o ex-presidente russo Boris Yeltsin, cuja morte simboliza o fim do difícil período de transição da Rússia.

Em 19 de agosto de 1991, o parlamento russo foi cercado. O presidente Mikhail Gorbachev havia sido detido em sua residência de verão um dia antes e agora, tanques cercavam a Casa Branca da Rússia¹. Fazia pouco mais de um mês das primeiras eleições presidenciais democráticas no país, e um golpe parecia ameaçar o retorno à ditadura comunista.

Neste cenário, três fatores impediram o sucesso do golpe. Em primeiro lugar, a população russa que, revoltada com o acontecimento, se dirigira ao local para defender o prédio do parlamento. Em segundo lugar, uma divisão de tanques que mudara de lado, em apoio à população. E finalmente, em cima de um tanque, Boris Yeltsin, então presidente eleito russo, realiza um poderoso discurso incitando ainda mais a população. Sem saber como proceder, os líderes do golpe falham e mais tarde são presos por traição.

O que parecia impossível acontece: o partido comunista é banido da Rússia por Boris Yeltsin, e toda sua propriedade é declarada confiscada. É desta maneira conturbada que se inicia a Era Yeltsin, na qual a Rússia enfrenta o desafio de se adaptar a economia de mercado, a democracia, e demais liberdades, com todas as suas vantagens e desvantagens, algo que não havia nos tempos da antiga

União Soviética.

Chegada ao poder

Nascido em primeiro de fevereiro de 1931, na pequena cidade de Butka, na região dos Urais, Boris Yeltsin enfrentou problemas com o partido Comunista desde cedo. Quando tinha apenas três anos de idade, seu pai foi enviado à um *Gulag*, campo de trabalhos forçados da URSS, por três anos, acusado de agitação anti-soviética.

Formou-se em engenharia, com 12 especializações diferentes, o que lhe garantiu uma rápida ascensão na carreira. Em 1961, se filia ao Partido Comunista, tornando-se apenas dois anos depois chefe de um plano integrado para construção urbana, com milhares de pessoas sob seu comando. Começa a fazer parte do aparato administrativo do partido em 1969, quando é apontado chefe do departamento de construção do comitê regional de *Sverdlovsk*. Logo em 1976, Boris Yeltsin foi eleito Primeiro Secretário do comitê regional.

Foi em 1985 que sua ascensão dentro do aparato administrativo fica mais evidente. Neste ano, se muda para Moscou e é eleito Primeiro Secretário do Comitê da cidade de Moscou. Dois anos depois, foi demitido de seu cargo devido às críticas realizadas ao lento andamento das reformas no país.

Com as primeiras eleições parlamentares com diversos candidatos, Boris Yeltsin é

¹ Nome dado ao prédio do parlamento russo.

eleito em 1989 para o Congresso dos Deputados do Povo, por Moscou. No Congresso, foi líder do Grupo Inter-regional, defendendo direitos humanos e reformas democráticas para o povo russo. Durante seu tempo como deputado, ganhou destaque pelas críticas realizadas ao partido comunista e ao presidente Mikhail Gorbachev.

Boris Yeltsin foi eleito presidente em 1991, com 57% dos votos, nas primeiras eleições presidenciais democráticas da história da Rússia. Seus primeiros momentos como presidente eleito foram bastante conturbados, com a tentativa de golpe e o anúncio do fim da União Soviética em 24 de dezembro do mesmo ano.

Desafios

Imbuído do espírito liberal, Yeltsin chega ao poder prometendo reformas econômicas e liberdade comercial, garantindo crescimento econômico e modernização para a Rússia. Os problemas para realizar tais mudanças eram claros: a população não estava acostumada a tais liberdades, ainda existia um vasto número de conservadores no governo e a economia estava à beira da ruína. Além disso, o isolamento do bloco soviético havia deixado o país atrasado tecnologicamente em relação aos países desenvolvidos.

Buscando a modernização econômica, o governo abandonou a política de controle de preços, e iniciou o processo massivo de privatizações. Fábricas, comércios e agências do setor de serviços foram postos à venda. Com as reformas vieram o desemprego, a inflação e concentração de renda.

Pessoas acostumadas a ter um emprego garantido e alocado pelo governo ficaram perdidas em meio à recém-criada burguesia – um pequeno número de pessoas que conseguiram vantagens com a abertura econômica. Iniciou-se uma grande disparidade na distribuição de renda do país, algo inimaginável poucos

anos antes. Enquanto a maior parte da população lutava para tentar se adaptar às novas condições, em busca de emprego e fontes de renda, uma minoria expandia seu capital rapidamente. Em 1995, cerca de um terço do país vivia com menos de 60 dólares por mês, enquanto 10% da população economicamente ativa controlavam 28% da renda do país. A criminalidade se espalhou no país, com o crime organizado cada vez mais forte. Assaltos, tráfico de drogas, contrabandos, assassinatos, tudo ocorria sem maiores intervenções por parte da polícia. A corrupção, que havia aumentando desde os últimos anos da URSS, se tornou um mal endêmico, atingindo todos os níveis do governo.

A insatisfação popular começou então a alimentar a esquerda do país, que ganhou projeção nas eleições parlamentares de 1995. Acuado pela pressão popular e da esquerda, o presidente resolve tomar medidas drásticas como forma de recuperar a economia: faz acordos com banqueiros que, em troca de empréstimos ao governo russo, teriam como garantia cotas de petróleo e metais. Isso fez com que, em um curto espaço de tempo, os bens mais valiosos da Rússia se concentrasse nas mãos de poucos.

Além dos problemas econômicos, a situação na Chechênia diminuía ainda mais sua popularidade. Em 1994, Yeltsin envia tropas para pôr um fim aos anseios separatistas da região. Porém, as ações ocorrem de maneira desajeitada e sem um planejamento cuidadoso. Durante a intervenção, além de 7.500 baixas entre os soldados russos e 4.000 entre os soldados chechenos, calcula-se que houve cerca de 35.000 casualidades civis. O número de refugiados chegou à casa das centenas de milhares. Com a guerra, o presidente perdeu sua base de apoio liberal, e pesquisas² apontam o nível de apoio da população às suas ações em apenas 6%,

² Segundo indicou a BBC.

além de receber severas críticas por parte da sociedade internacional.

Em 1995, Boris Yeltsin sofre dois ataques cardíacos. Claramente, as pressões vindas de todos os lados começavam a abalar o presidente russo. Porém, Yeltsin não cedeu às pressões e continuou com o difícil processo de modernização econômica.

Segundo mandato

Apesar de sua imagem desgastada, Boris Yeltsin decide se candidatar à reeleição nas eleições presidenciais de 1996. O presidente estava cercado: enquanto a esquerda o acusava de estar destruindo a economia russa com suas rápidas reformas, os liberais o acusavam de letargia nas mudanças. O mesmo acontecia na questão da Chechênia, com os liberais acusando-o de violência desnecessária no controle da situação, e a esquerda afirmando que suas ações eram ineficientes.

Yeltsin conseguiu refazer sua imagem, e foi reeleito com 53.8% dos votos. Durante sua campanha, o presidente resolveu adotar medidas radicais. Convidou membros do grupo separatista chechêno para discussão de acordos de paz, e dobrou o pagamento dos pensionistas mais pobres do país, além de arquitetar projetos de lei para o aumento de todas as pensões. Boris Yeltsin também assinou decretos para recuperação dos valores originais das poupanças da população, que haviam sido desvalorizadas durante a grande inflação nos primeiros anos de reformas.

Em 1997, a economia russa começa a crescer depois de uma década de estagnação. As reformas econômicas pareciam surtir efeitos, quando a crise dos mercados asiáticos em 1998 leva a um novo colapso econômico.

A nova crise econômica parecia um prenúncio de como seriam os últimos anos do governo de Boris Yeltsin. A intervenção da OTAN no Kosovo, em

1999, ameaçou as relações entre os Estados Unidos e Rússia, que em alguns momentos esteve muito próxima de intervir em favor de Slobodan Milosevic³. A forte oposição do governo russo não foi suficiente para conter a intervenção, fazendo com que a imagem política de Boris Yeltsin ficasse ainda mais desgastada internamente.

Também em 1999, iniciou-se uma tentativa de *impeachment* dentro do congresso, que acusava o presidente russo de diversas atitudes inconstitucionais, como a dissolução da União Soviética em 1991 e de iniciar a guerra contra a Chechênia em 1994. Porém, não foi atingida uma maioria no congresso para que pudesse ocorrer o processo de *impeachment*.

Ainda neste ano, teve início uma série de atentados de grupos separatistas chechênos às cidades russas. Boris Yeltsin chegou a discutir abertamente com o então presidente estadunidense Bill Clinton, contrário à intervenção. Entretanto, a pressão internacional não bastou para impedir uma segunda guerra na Chechênia.

Com a saúde abalada novamente por problemas no coração, Boris Yeltsin abandona o cargo no final de 1999, deixando-o para o atual presidente e então Primeiro-Ministro da Rússia Vladimir Putin.

Herança política

Segundo indicaram fontes da BBC, uma recente pesquisa de opinião feita junto ao povo russo indicava que metade da população considerava Boris Yeltsin responsável pelo colapso da URSS e as crises ocorridas durante a década de 1990. Já a outra metade da, considerava as reformas realizadas como indispensáveis

³ Na época presidente da Iugoslávia, foi acusado por crimes contra a humanidade. faleceu em março de 2006, em meio ao processo de julgamento.

para a criação da base necessária para o desenvolvimento do país.

É inquestionável que as reformas foram essenciais para o atual estado de desenvolvimento da economia russa. Graças à reestruturação econômica, o PIB do país cresceu cerca de 7% em 2006, média que vêm se mantendo desde o ano 2000. Para o ano de 2007, espera-se um aumento de investimentos externos de 44 bilhões de dólares, havendo a previsão de que o total de investimentos externos na Rússia chegue a 357 bilhões de dólares em 2010. Grande parte deste investimento se dá através da privatização de empresas estatais. Hoje, observa-se que as privatizações tiveram um papel fundamental no desenvolvimento da Rússia, trazendo novos investimentos, tecnologias, aumentando a eficiência e modernizando o país como um todo.

A nova Rússia existe hoje graças às impopulares políticas de Boris Yeltsin nos anos 1990. Enquanto os políticos russos lembravam com saudosismo os antigos tempos de planejamento estatal, Yeltsin sabia que a liberalização seria a única maneira de salvar a Rússia após os últimos anos de estagnação. Certamente, o futuro da Rússia será guiado pela herança deixada por Boris Yeltsin, em que a liberdade do povo, e não o capricho ideológico de poucos, ditará os rumos da nação.

Referência

Sites:

BBC International

<http://www.bbc.co.uk>

The Guardian

<http://www.guardian.co.uk>

MosNews

<http://www.mosnews.com>

State University of New York

<http://www.acs.brockport.edu/~dguev/Russian/bybio.html>

Conjuntura Internacional

Pontifícia Universidade Católica – MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Prof. Eustáquio Afonso Araújo

Vice-reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tôrres

Conjuntura Internacional

Chefia do Depto de Relações Internacionais: Prof. Javier Alberto Vadell

Coordenação do Curso de Relações Internacionais: Prof. Javier Alberto Vadell

Coordenação-Geral: Profa. Liana Araújo Lopes

Conselho acadêmico: Prof. Danny Zahreddine; Profa. Liana Araújo Lopes; Prof. Rodrigo Corrêa Teixeira

Membros: Andre Klausung; Celeste Cristina Badaró; Diego Paes; Diego Pereira; Fernando Maia; Joana Laura Nogueira; Lígia Mello; Luiz Fernando Moura e Castro; Raphael Rezende Esteves.

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av: Itaú, 525, 2º subsolo, Prédio Redentoristas – Dom Bosco - Belo Horizonte - MG - CEP 30850-035 Tel: (31)3319-4426 email: ci@pucminas.br website: <http://www.pucminas.br/conjuntura>

